



## O Shemá e a devoção a uma só divindade

### The Shema and the devotion to only one deity

Leonardo Pessoa da Silva Pinto \*

#### Resumo

O artigo discute o significado original da fórmula do Shemá no livro do Deuteronômio (Dt 6,4-5). A pergunta central é se o Shemá constituía inicialmente uma confissão de fé monoteísta ou se esse papel do Shemá se deve a uma reinterpretação do texto bíblico, à sua recepção na cultura e literatura posterior. A investigação se concentra inicialmente no estudo linguístico de Dt 6,4, mas inclui ainda o estudo do co-texto do Shemá, ou seja, o capítulo 6 do livro do Deuteronômio, e recolhe também os dados pertinentes fornecidos pelos estudos sobre a cultura do Antigo Oriente Próximo, sobre a história da religião de Israel e sobre a datação de Dt 6,4-5. O estudo mostra como a fórmula de Dt 6,4-5 não exclui a existência de outros deuses. A conclusão é que o Shemá, muito provavelmente, não era originalmente uma proclamação de fé monoteísta, mas um chamado à monolatria, ao culto e à devoção a uma só divindade, o Deus de Israel.

**Palavras-chave:** Antigo Testamento; Deuteronômio; Shemá; Monoteísmo; Exegese.

#### Abstract

This paper discusses the original meaning of the Shema in the book of Deuteronomy (Deut 6:4-5). The central question for this study is whether the Shema constituted a confession of monotheistic faith from the beginning or if this role of the Shema is a consequence of a reinterpretation of the biblical text, due to its reception in later culture and literature. The study focuses initially on the linguistic analysis of Deuteronomy 6,4, and then proceeds to the reading of the co-text of the Shema (chapter 6 of the book of Deuteronomy); it also presents the relevant data of the research on the culture of the Ancient Near East, on the History of the Religion of Israel and on the dating of Deut 6:4-5. This paper shows that the formula of Deut 6:4-5 does not deny the existence of other deities. The conclusion is that it is very unlikely that the Shema was originally a proclamation of monotheistic faith; it was rather a call to monolatriy, to the cult and devotion to only one deity, the God of Israel.

**Keywords:** Old Testament; Deuteronomy; Shema; Monotheism; Exegesis.

---

Artigo traduzido pelo Prof. Dr. José Martins dos Santos Neto.

Article submetido em 17 de fevereiro de 2018 e aprovado em 17 fevereiro de 2019.

\* Doutor em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico, em Roma. Professor na PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: leoteopessoa@yahoo.com.br

## Introdução

O Shemá é uma fórmula central para a religião e a espiritualidade dos judeus de todos os tempos, palavras que atravessaram os séculos. Essas palavras do livro do Deuteronômio 6,4-5 foram retomadas em outros textos do Antigo e do Novo Testamento, se encontram nos comentários dos Padres da Igreja e dos sábios judeus de ontem e de hoje, continuam a ressoar nas sinagogas e nas igrejas cristãs. As palavras do Shemá provocaram também muita reflexão entre os estudiosos da Bíblia.

A importância do Shemá é confirmada pela sua posição no livro do Deuteronômio. Como nos recorda Miller (2008, p. 111), são as primeiras palavras da instrução de Moisés dirigidas ao povo. Historicamente, a fórmula de Dt 6,4 foi considerada por judeus e cristãos como uma grande declaração monoteísta. Contudo, a pergunta pelo significado original da expressão tem atraído a atenção de muitos exegetas.

Apesar da sua importância e familiaridade, o texto de Dt 6,4, שמע ישראל יהוה יהוה, é de difícil compreensão. Como afirma McBride (1973, p. 292), há nesse texto problemas em relação à gramática da língua hebraica e problemas relacionados ao contexto da teologia do Deuteronômio. Este artigo se propõe a investigar o significado da fórmula de Dt 6,4. Em especial, buscaremos responder à pergunta: Dt 6,4 constitui uma afirmação da exclusividade divina, ou seja, do monoteísmo teórico?

A fim de atingir esse objetivo, estudaremos primeiro os aspectos linguísticos da fórmula. Em seguida, nossa atenção se concentrará no co-texto, ou seja, no vínculo particular entre Dt 6,4 e os versículos seguintes e com o resto do capítulo 6. Veremos depois como a literatura do Antigo Oriente Próximo pode ajudar a esclarecer o sentido do texto em questão, bem como as considerações feitas por estudiosos da história da religião de Israel e os problemas para a datação do Shemá. Por fim, emitiremos nossa opinião sobre o problema levantado.

## 1 Análise linguística

A primeira dificuldade a ser enfrentada na busca pelo significado de Dt 6,4 é a questão de ordem linguística. O texto, não obstante a sua brevidade, apresenta várias possibilidades para a tradução e uma diversidade de problemas. Com relação à sintaxe, se discutem quantas proposições nominais se encontram no versículo, como devem ser divididas e quais elementos constituem o sujeito e o predicado. Com relação ao léxico utilizado, se discute o significado do termo יהוה. Passemos, pois, à análise desses problemas.

### 1.1 As proposições nominais

Segundo Waltke-O'Connor, os problemas do texto de Dt 6,4 começam após o imperativo e o vocativo iniciais “escuta, Israel”. Esses autores se limitam a reconhecer o caráter único da construção gramatical das quatro palavras seguintes e citam algumas das soluções propostas por diversos autores, sem, contudo, adotarem qualquer posição (1990, p. 135). Segundo Bord e Hamidović (2002, p. 14-15)<sup>1</sup>, estas são as quatro possibilidades para se traduzir יהוה אלהינו יהוה אלהינו: A) IHWH é nosso Deus, IHWH é יהוה; B) IHWH nosso Deus, IHWH é יהוה; C) IHWH nosso Deus é יהוה IHWH; D) IHWH é nosso Deus, IHWH יהוה.

A solução (A), “IHWH é nosso Deus, IHWH é יהוה”, é a mais simples e entende o texto como duas proposições nominais sem verbo. Nesse caso, a primeira, segundo Waltke-O'Connor (1990, p. 135), seria uma proposição de identificação e a segunda uma proposição de classificação com um numeral, ambas na ordem Sujeito-Predicado<sup>2</sup>. Essa é a solução preferida por Veijola (1992, p. 531), que vê aqui um caso de paralelismo com duas proposições nominais paralelas que dizem respeito ao mesmo IHWH. O primeiro problema dessa tradução é que, segundo Bord e Hamidović (2002, p. 19), o tetragrama “IHWH” é muitas vezes associado ao termo יהוה no livro do Deuteronômio, com ou sem sufixos

<sup>1</sup> Assim como fazem esses autores, trataremos separadamente o problema do significado de יהוה.

<sup>2</sup> Segundo Waltke-O'Connor (1990, p. 135), outros autores veem IHWH como predicado descontínuo e as outras palavras como sujeito descontínuo, assim a tradução “Nosso Deus Uno é IHWH, IHWH”.

pronominais, mas, quando há elisão verbal, os termos são separados por הוּא, “ele”, e, além disso, אֱלֹהֵינוּ é acompanhado por um artigo definido. Assim, a tradução “IHWH é nosso Deus” não parece correta e deveríamos preferir “IHWH nosso Deus”. Essa é também a posição de Lohfink (1976, p. 108-109), Braulik (1994, p. 101) e Weinfeld (1991, p. 337), que veem “nosso Deus” como aposição a “IHWH”. Quanto a isso, porém, diverge Barbiero. Segundo esse autor, a expressão deve ser compreendida em conexão com o início do Decálogo (Dt 5,6-10) e deve ser traduzida “IHWH é nosso Deus”, pois possui uma força performativa na renovação quase sacramental do vínculo entre IHWH e seu povo (BARBIERO, 2002, p. 113). Block, por sua vez, também defende a possibilidade de se traduzir “IHWH é nosso Deus” e, contra Bord e Hamidović, afirma corretamente que אֱלֹהֵינוּ contém o sufixo pronominal e, portanto, não pode ser acompanhado pelo artigo definido. Além disso, a maioria dos casos de “IHWH nosso Deus” ocorre em proposições verbais, como sujeito ou objeto na frase. Em Dt 6,4, ao contrário, temos uma proposição não verbal. Enfim, de acordo com Block (2004, p. 197), o caráter único da formulação do Shemá autoriza o intérprete a ver aqui um uso da expressão que difere do resto do livro do Deuteronômio.

Outro problema da expressão אֱלֹהֵינוּ יְהוָה é que a passagem da segunda pessoa do singular (“escuta, Israel!”) à primeira pessoa do plural em אֱלֹהֵינוּ (“nosso Deus”) induziu alguns autores como, por exemplo, Félix García López (1992, p. 21), a ver aqui um acréscimo secundário no texto. Weinfeld, ao contrário, defende a expressão como parte integral do texto, pois essa pertenceria ao credo litúrgico proclamado pelos fiéis, fato que explicaria a mudança para a primeira pessoa do plural (1991, p. 331). Barbiero propôs uma explicação mais simples. Como nesse versículo é Moisés quem fala, ele deve ser incluído na confissão de fé em IHWH, já que o Deus de Israel é também o Deus de Moisés, e isso justificaria a mudança de pessoa (2002, p. 111).

Essas discussões sobre a expressão אֱלֹהֵינוּ יְהוָה se aplicam também à tradução (D), “IHWH é nosso Deus, IHWH אֱלֹהֵינוּ”, a preferida por Tigay (1996, p. 440), muito embora seja considerada incerta pelo mesmo autor. A tradução (D) toma a palavra

יְהוָה como significando “só/apenas”, uma das várias propostas dos estudiosos, como veremos.

A tradução (B), “IHWH nosso Deus, IHWH é יְהוָה”, considera “nosso Deus” como aposição a IHWH, o uso mais comum no Deuteronômio. Entretanto, para alguns autores como Tigay (1996, p. 439) e Veijola (1992, p. 530), essa tradução apresenta o inconveniente de tornar supérflua a segunda menção do nome divino.

A solução (C), “IHWH nosso Deus é יְהוָה IHWH”, introduz o verbo ser entre o segundo e o terceiro termo e compreende o conjunto como uma única proposição, que significaria “IHWH nosso Deus é um único IHWH”. Apesar de ser gramaticalmente possível, a expressão parece ser tautológica para alguns exegetas, como Barbiero (2002, p. 112). Essa tradução, porém, foi defendida por autores que veem nesse versículo uma polêmica teológica contra a tendência de dividir o culto e os atributos de IHWH de acordo com o território. Bord e Hamidović (2002, p. 17) nos recordam que a existência de um IHWH da Samaria e de um IHWH de Teman foram confirmadas pelas descobertas das inscrições de Kuntillet ‘Ajrud.<sup>3</sup> Destarte, também de acordo com Miller, na formulação de Dt 6,4 se encontraria uma tentativa de unificação da figura e do culto a IHWH em oposição ao risco de que os cultos locais a IHWH se tornassem autônomos e independentes (2000b, p. 79). Contra essa tradução, Weinfeld (1991, p. 350) afirma que não há evidências no AT dessa tendência de fragmentação de IHWH em várias divindades. Lohfink (1976, p. 109) duvida que essa hipótese possa ser comprovada no livro do Deuteronômio. Segundo Tigay (1996, p. 439), muitas outras divindades sofreram um processo de fragmentação, como as muitas figuras de Baal, Seth, Ishtar e Amon-Re. Todavia, de acordo com Braulik (1987, p. 50), se houvesse o perigo de decomposição de IHWH em muitos IHWH ligados às várias localidades, como ocorria a outras divindades do Antigo Oriente Próximo, isso teria sido indicado também nos textos sobre a centralização do culto. Braulik (1994, p. 102), em outro texto, afirma que essa hipótese pressupõe que IHWH teria assimilado várias divindades locais nos

<sup>3</sup> Uma tradução dessas inscrições em inglês pode ser encontrada em Hallo-Younger (2003, p. 171-172).

respectivos santuários e depois teria se desintegrado em várias figuras de IHWH. O livro do Deuteronômio não apresenta evidências em favor dessa hipótese de *poli-javismo*, ainda que a mesma não possa ser completamente excluída. A esse respeito, Bord e Hamidović (2002, p. 25-26) mantêm que o conjunto do capítulo 6 não fala do IHWH único em oposição aos IHWH locais, mas fala do confronto entre IHWH e os deuses de outros povos. A nosso ver, apesar de interessante, a hipótese da polêmica contra o *poli-javismo* permanece menos plausível daquela da polêmica contra os deuses dos povos vizinhos.

Antes de apresentar a nossa opinião sobre a maneira correta de dividir as proposições, refletiremos sobre o significado de  $\tau\eta\chi$  no nosso versículo.

## 1.2 O significado de $\tau\eta\chi$

O significado desse termo é de suma importância para o nosso objetivo, ou seja, descobrir se em Dt 6,4 encontramos uma profissão de fé monoteísta. A primeira tradução possível é ler aqui “um”. Naturalmente, essa seria a primeira acepção de  $\tau\eta\chi$ , aquela numérica. Há, contudo, várias maneiras de se entender essa tradução. Nas tradições rabínicas e cristãs, a tradução “um” foi compreendida como afirmação da unidade divina, expressão de uma fé monoteísta. Entretanto, Barbiero (2002, p. 114) apontou corretamente que a unidade de Deus não é o tema do capítulo 6. A preocupação, ao invés, é que Israel esteja com IHWH e não com os deuses estrangeiros.

Janzen (1987a, p. 287) aceita a tradução “um”, mas propõe uma compreensão diferente da mesma. A unidade de IHWH significa aqui a sua integridade interna, a coerência entre o seu desejo e sua ação, entre intenção e execução. Em outro artigo publicado no mesmo ano, Janzen menciona o pano de fundo da religião mesopotâmica na qual os deuses tinham posturas contraditórias com relação à humanidade, em contraste com a integridade e a coerência de IHWH expressa no Deuteronômio (1987b, p. 58-59). Em contraposição às divindades dos povos vizinhos, o texto de Dt 6,4 falaria da unidade moral de Deus; IHWH é

absolutamente confiável (1987a, p. 291, 295). Portanto, segundo Janzen (1998, p. 252, 255), o versículo seguinte, Dt 6,5, seria um convite a espelhar essa fidelidade divina na própria vida, amando IHWH com todo o coração, toda a alma e todas as próprias forças. Contra a proposta de Janzen, Block (2004, p. 200) pontua que a mesma é muito forçada. Se fosse intenção do texto afirmar a integridade de IHWH, haveria modos e expressões mais claras para fazê-lo. De fato, a hipótese de Janzen nos parece artificial e indemonstrável. Herrmann (2000, p. 51) sustenta, ao contrário, que “um” nesse versículo quer dizer personalidade una, indivisa, explicação que soa ainda menos convincente do que a proposta precedente de Janzen.

Outra possibilidade é traduzir  $\text{יְהוָה}$  como “apenas”, “só”. No entanto, costuma-se levantar contra essa tradução uma objeção. Em hebraico, o termo para se dizer “apenas (ele)” seria  $\text{לְבַד}$ . Weinfeld (1991, p. 337-338) respondeu a essa objeção com o argumento de Ehrlich, afirmando que, como  $\text{לְבַד}$  é um advérbio, não seria adequado numa proposição nominal. Posteriormente, Bruno (2009, 320-322) demonstrou a impropriedade dessas considerações citando 2Re 19,15 e Is 37,16 como exemplos de textos do AT onde  $\text{לבד}$  aparece em uma proposição nominal acompanhado do sufixo pronominal de segunda pessoa do singular. Além disso, contra a tradução “só”, Bord e Hamidović (2002, p. 15-18) acrescentam a objeção de que não há na Escritura paralelos claros do uso de  $\text{יְהוָה}$  com o significado de “só” aplicado ao tetragrama. McBride (1973, p. 293), ao contrário, defende a legitimidade da tradução “só”, tendo em vista a existência de paralelos desse uso no antigo Semítico Norte-ocidental e no Acádico. Essa é a tradução preferida também por Tigay (1996, p. 440).

Uma alternativa é traduzir  $\text{יְהוָה}$  como “único”. Essa é a tradução preferida por Bord e Hamidović (2002, p. 17-18). De acordo com Miller (2008, p. 114), dizer que IHWH é “único” significa dizer que é o único digno de fidelidade última e que é o fundamento do ser e do sentir. Indica-se, nessa tradução, a incomparabilidade de IHWH.

Miller (2008, p. 112-113), entretanto, mantém que as traduções “um” e “único” são ambas possíveis e que o intérprete deve aceitar a sua ambiguidade, reiterando que as dificuldades para a tradução dessa palavra não foram resolvidas. Em outro texto, Miller (2000a, p. 389) admite também a tradução “só” e afirma que não é necessário escolher entre essa e a tradução “um”, muito embora ele prefira a última. Christensen (1991, p. 143) é outro autor que prefere evitar uma decisão a respeito da tradução desse versículo. Ele afirma que cada uma das várias propostas comporta algo de verdadeiro sobre a forma poética do texto.

### 1.3 Resultados da análise linguística da fórmula de Dt 6,4

Como vimos, há várias possibilidades de tradução de Dt 6,4. É interessante notar que já na fase da compreensão da expressão nas suas peculiaridades linguísticas intervêm questões de caráter histórico, arqueológico e teológico, pois não é possível separar completamente esses aspectos do problema.

A nossa opinião é que a tradução mais plausível, embora incerta, é a tradução (B), com a palavra  $\text{יְהוָה}$  com o sentido de “único”, ou seja, incomparável. Teríamos assim “IHWH nosso Deus, IHWH é único”. Essa tradução respeita o uso mais comum da expressão  $\text{יְהוָה אֱלֹהֵינוּ}$  e tem a vantagem de traduzir  $\text{יְהוָה}$  num sentido bastante atestado na Escritura. Além disso, não apela a hipóteses não demonstradas, como aquela de Janzen ou aquela da fragmentação de IHWH em várias divindades locais. Essa tradução não implica monoteísmo e, nesse sentido, parece mais adequada ao contexto literário e histórico, como veremos. Todavia, não excluimos a possibilidade de que a ambiguidade da fórmula seja intencional e, assim, seja parte do seu significado.

Dentre todas as hipóteses discutidas acima, apenas a tradução da expressão  $\text{יְהוָה אֱלֹהֵינוּ}$  como uma proposição nominal independente e de  $\text{יְהוָה}$  no sentido de “um” poderia fazer do versículo uma afirmação monoteísta, muito embora, como vimos, “um” não se refira necessariamente à unidade divina. A primeira conclusão é que a fórmula, do ponto de vista linguístico, não é claramente monoteísta. Já na análise

sintática e semântica do versículo se vê que o monoteísmo é afirmado apenas em uma dentre as várias traduções e interpretações possíveis.

Por esse motivo, os autores que defendem o caráter monoteísta da fórmula falam de um monoteísmo implícito. Weinfeld (1991, p. 349-350), embora admitindo que a fórmula de Dt 6,4 não menciona explicitamente a exclusividade divina, supõe que essa implique monoteísmo. O contexto especial do Deuteronômio e a natureza litúrgica da proclamação lhe dariam uma tonalidade monoteísta, ainda que fórmulas semelhantes existam em religiões pagãs, politeístas. Também Christensen (1991, p. 145) defende o caráter implicitamente monoteísta da fórmula. Portanto, até mesmo os autores que defendem o caráter monoteísta do Shemá o fazem com cautela e evitam considerá-lo uma grande declaração monoteísta, lendo na expressão “único” ofato de que IHWH seja o único com verdadeiros atributos divinos, como fazia Driver (1902, p. 90) há mais de um século.

Na opinião de Bovati (1994, p. 82-83), ao contrário, em Dt 6,4 não temos uma afirmação monoteísta, pois não se diz que IHWH apenas é Deus, mas que IHWH é um/único. Essa afirmação está ligada ao contexto da centralização do culto: um único templo, um único povo, uma única aliança e um único IHWH. Há um único Senhor de todo Israel, do país e dos seus habitantes. Segundo Lohfink (1976, p. 110), a fórmula significa algo como “para Israel, dentre todos os deuses, IHWH é o único que merece consideração”.

De acordo com Braulik (1994, p. 121), a afirmação “IHWH é único” em Dt 6,4 existe dentro de um sistema referencial politeísta do período monárquico tardio. A fórmula não fala de monoteísmo teórico, mas quer dizer que, dentre todos os deuses, só IHWH é o único Deus para Israel (BRAULIK, 1987, p. 50). É único apenas como o Deus amado por Israel (BRAULIK, 1994, p. 103). Esse autor, citando Ct 6,8-9, recorda que o termo “único” é típico da linguagem do amor (BRAULIK, 1986, p. 56). Na redação atual do Deuteronômio, entretanto, o leitor chega a Dt 6,4 depois de ter lido o capítulo 4, em que IHWH é considerado o único

Deus existente. Segundo Braulik (1994, p. 101, 121), Dt 4,39 é claramente monoteísta e esse texto influenciou os leitores a verem também em Dt 6,4 um texto monoteísta. Tigay (1996, p. 76) tece as mesmas considerações e diz que, ao contrário de Dt 4,35.39, Dt 6,4 não é monoteísta porque fala da relação com Deus, não da sua natureza.<sup>4</sup>

Para Veijola (1992, p. 533-534), a frase “IHWH é único” não implica monoteísmo absoluto, mas deve ser vista em conexão com a declaração precedente “IHWH é nosso Deus”, significando “IHWH é nosso único Deus”. Esse é, muito provavelmente, o significado da expressão, como veremos também a partir da discussão seguinte.

## 2 O co-texto (Dt 6)

Se, como afirma Lohfink (1976, p. 109), a fórmula de Dt 6,4 não implica necessariamente monoteísmo, devemos dirigir nosso olhar ao seu contexto, pois apenas assim podemos descobrir o seu exato significado. Limitaremos nosso estudo à análise de alguns elementos do capítulo 6 do livro do Deuteronômio, o contexto literário próximo (co-texto) da fórmula de Dt 6,4.

Segundo Barbiero (2002, p. 109-110), os versículos 4 e 5 são conexos. Esse vínculo é estabelecido claramente pelo *w<sup>e</sup>qatalî* que abre o versículo 5, indicando que amar é a conclusão ou continuação daquilo que fora dito antes; ao Deus único segue o amor indiviso. Os dois versículos formam uma fórmula rítmica e densa com uma tonalidade litúrgica. Esse vínculo indissolúvel entre os dois versículos é posto em relevo também por Herrmann (2000, p. 52-54). Os dois versículos se deixam esclarecer mutuamente e mostram que a prioridade não é a afirmação da unidade de Deus, mas o mandamento de amá-lo com todo o coração. Na mesma linha, Block (2004, p. 204) explica que o versículo 5 confirma que o tema do Shemá é a devoção total e exclusiva a IHWH. Para Block, seria um erro ler Dt 6,4 fora do

---

<sup>4</sup> Heiser (2008, p. 4-6) sustenta que nem sequer Dt 4, 35.39 constituem declarações monoteístas, mas afirmações da incomparabilidade de IHWH.

seu contexto como uma confissão monoteísta. O Shemá é, ao invés, a expressão do compromisso de Israel com IHWH e resposta à pergunta “quem é o Deus de Israel?” (BLOCK, 2004, p. 211). A opinião de que a fórmula de Dt 6,4-5 não fala de monoteísmo teórico é partilhada por Barbiero (2002, p. 115-116), que fala, ao invés, de monolatria.

Segundo Block (2004, p. 205-206), para se compreender Dt 6,4 é importante ler também os versículos 14 e 15. Block acredita que, enquanto Dt 6,4a é desenvolvido e explicado nos versículos 10-13, o mesmo acontece entre Dt 6,4b e os versículos 14-15. De fato, Braulik (1986, p. 56) nos lembra que o versículo 14 faz referência a outros deuses e, assim, exclui a possibilidade de se considerar o versículo 4 como monoteísta. Segundo Bord e Hamidović (2002, p. 20-21), o conteúdo do versículo 14 nos obriga a recusar ainda a hipótese de que o objetivo de Dt 6,4 seja o de opor-se a um *poli-javismo* dos santuários locais, como discutido acima. A preocupação é a relação e a oposição entre o Deus de Israel e os deuses estrangeiros. Alguns autores atribuem os versículos mencionados, Dt 6,10-15, a um estrato redacional posterior aos versículos 4-5 (MACDONALD, 2017, p. 781), mas isso significaria simplesmente que a existência de outros deuses é admitida também em textos posteriores ao Shemá.

Alguns autores entenderam Dt 6,4-25 como um comentário ao Decálogo. Segundo Lohfink (1968, p. 63), a seção de Dt 6,4-25 retoma e amplia o Decálogo, constitui um comentário ao seu mandamento principal. Nesse sentido, como explica Miller (2008, p. 111), o Shemá seria uma reafirmação do primeiro mandamento, a proibição de adorar a outros deuses. Essas hipóteses dependem, evidentemente, da datação dos capítulos 5 e 6 do livro do Deuteronômio. Como explica Barbiero (2002, p. 97-98), se considerarmos Dt 6,4-25 como mais antigo do que Dt 5-6,3, devemos abandonar a interpretação de Dt 6,4-25 como comentário ao Decálogo ou postular, nesse texto, um trabalho redacional que seja posterior à inserção de Dt 5-6,3.

Após essa consideração sobre o capítulo 6 do livro do Deuteronômio, podemos concluir com Gerstenberger (2005, p. 25, 265) que a fórmula de Dt 6,4 não implica a unidade objetiva de IHWI vinculante para todos os outros grupos, mas a pertença de Israel a esse Deus e a sua separação de todas as outras divindades procedentes do ambiente religioso pluralista. Como resume Brueggemann (2008, p. 123), o Shemá é uma declaração *pro* IHWI no contexto do politeísmo.

### 3 Dt 6,4 e a literatura do Antigo Oriente Próximo

Uma breve consideração das relações entre o livro do Deuteronômio e a literatura do Antigo Oriente Próximo também será útil para a compreensão da fórmula de Dt 6,4.

O primeiro aspecto a ser levado em conta é que o uso do vocabulário “um/único/só” é atestado em textos que se referem a divindades pagãs no contexto claramente politeísta. Bord e Hamidović (2002, p. 24) citam um textougarítico no qual Baal se declara o único/um que dominará sobre os homens e deuses. Willoughby (1977, p. 78) lembra que na literatura egípcia encontramos também afirmações de que Amon é um/único. Weinfeld menciona um texto sumério no qual o deus Enlil é aclamado como senhor do céu e da terra e no qual se declara que ele apenas/só é rei. Weinfeld (1991, p. 338) cita ainda exemplos de proclamações dos deuses gregos Hermes e Zeus como “um”. Vemos, assim, que as expressões “um” e “único” aparecem nos ambientes religiosos mesopotâmico, egípcio e greco-romano, patentemente politeístas. A conclusão é que as expressões um/único/só não pertencem exclusivamente à linguagem ou ao vocabulário monoteísta.

O segundo aspecto que gostaríamos de destacar diz respeito à relação do Deuteronômio com a linguagem diplomática daquele tempo. Como vimos, Dt 6,4 forma uma unidade com o versículo 5 e esses versículos devem ser compreendidos conjuntamente. O tema do amor a Deus, que aparece em Dt 6,5, foi estudado por Moran. Esse autor desafiou a noção de que o amor recíproco entre Israel e IHWI

no Deuteronômio esteja ligado ao profeta Oséias, pois o profeta menciona apenas o amor de Deus por Israel (MORAN, 1963, p. 77). O amor no Deuteronômio é o amor que pode ser ordenado e associado à reverência e temor, lealdade e obediência (MORAN, 1963, p. 78). Moran (1963, p. 78-80) explica que a linguagem do amor se encontra nos tratados internacionais do Antigo Oriente Próximo já desde o século XVIII até o século VII a.C. e que o termo “amor” expressa a fidelidade e a amizade entre o rei soberano e o rei vassalo, ou o amor entre o súdito e o rei. Se, por um lado, Deuteronômio é o documento bíblico *par excellence* do amor, por outro, é o documento bíblico *par excellence* da aliança, do pacto entre Israel e IHHW e a influência da linguagem dos tratados de vassalagem assírios se encontra em todo o livro (MORAN, 1963, p. 82-84). O pacto estabelece uma relação de exclusividade que proíbe ao vassalo ir a outro soberano. A dependência do conceito de amor no Deuteronômio dos tratados de vassalagem orientais antigos foi amplamente reconhecida pelos exegetas (LOHFINK, 1968, p. 67; 1976, p. 110; BRAULIK, 1986, p. 56; BARBIERO, 2002, p. 118-119)<sup>5</sup>. Assim, como afirma J. L. Ska (2008, p. 143), encontramos no Shemá o tema do amor exclusivo pelo próprio soberano; Israel tem um só Deus porque não pode ter mais de um soberano.

McCarthy, embora aceite as reflexões de Moran, acrescenta a consideração de que o amor de obediência e reverência do Deuteronômio constitui a mesma postura exigida a Israel no AT quando é referido como filho de IHHW. É possível que a ideia da relação pai-filho tenha também influenciado o livro do Deuteronômio (MCCARTHY, 1965, p. 145, 147). A linguagem da conduta familiar poderia reforçar o comportamento que o pacto queria inculcar (MCCARTHY, 1978, p. 161).

Lapsley afirma que os paralelos estabelecidos entre o Deuteronômio e os documentos políticos do Antigo Oriente Próximo são convincentes e que o amor do povo a Deus implica obediência à lei. Todavia, essa consideração não exclui a conotação emocional do amor a Deus (LAPSLEY, 2003, p. 352). Esse autor critica o

---

<sup>5</sup> Barbiero tem como certa a forte influência da linguagem dos tratados orientais na noção do amor no Deuteronômio, mas aceita também as contribuições de McCarthy e McKay que apresentaremos em seguida.

consenso obtido por Moran. A primeira crítica é que, se por um lado a crítica das formas encontra elementos comuns entre os textos bíblicos e a literatura do Antigo Oriente Próximo, por outro lado essa ofusca os elementos particulares na Bíblia. O segundo problema, segundo Lapsley, é que Moran parte de uma noção moderna da vida emocional, na qual as emoções fazem parte de uma categoria distinta da ação, aquela dos sentimentos. Contudo, é possível que a obediência à lei e a afetividade fossem ambas significadas pelo termo amor. Lapsley rejeita a redução do amor a Deus ao conceito de obediência com a habitual justificativa de que a obediência pode ser ordenada. Essa ideia dependeria de uma concepção moderna segundo a qual as emoções existem no mundo privado do indivíduo e que são incontroláveis. Moran (2003, p. 353-354, 365) não se enganou ao explicar o amor no Deuteronomio como obediência, mas a explicação é incompleta. De acordo com Lapsley (2003, p. 355), o termo amor nos tratados de vassalagem foi importado do âmbito familiar e, assim, não se pode pressupor que a expressão no Deuteronomio fosse privada de conotações afetivas. Na mesma linha, Carasik admite a conexão entre amor no Deuteronomio e a linguagem das relações internacionais, mas rejeita a redução deste à linguagem jurídica. O termo amor conserva o sentido emotivo e psicológico e constitui o resultado da visão do Deuteronomio sobre o funcionamento da mente humana (CARASIK, 2006, p. 200, 206-207).

McKay, por sua vez, destaca o vínculo entre Deuteronomio e a literatura sapiencial. A expressão inicial de Dt 6,4, “escuta, Israel”, é paralela à frase introdutória do ensinamento do mestre/pai ao discípulo/filho, “escuta, meu filho”, e se encontram vários paralelos entre Dt 6,6-8 e a literatura sapiencial do Antigo Oriente Próximo e da Bíblia, mesmo se os tratados de vassalagem preveem também o dever de ensinar aos filhos e netos as estipulações do pacto (MACKAY, 1972, p. 427-432). Embora o amor no Deuteronomio seja uma noção antiga de pacto e de aliança, o deuteronomista deu à expressão outra nuance ao considerar Israel filho/discípulo de IHWY, pai/mestre; o amor é obediência filial, *pietas* (MACKAY, 1972, p. 435).

De acordo com Barbiero (2002, p. 104), Dt 6,4-25 não se deixa classificar em um único gênero literário, como Tratado de Vassalagem, Catequese Etiológica ou Moldura da Lei, mas no texto convergem várias tradições. No entanto, ainda que a linguagem diplomática oriental antiga não explique sozinha toda a riqueza do texto do Deuteronômio, já que outras tradições nele convergem, a sua influência é inegável e deixou muitos traços no capítulo 6. O que importa para o objetivo deste artigo é justamente esse fato, ou seja, a influência da linguagem dos tratados internacionais no texto do Deuteronômio, influência que não é negada sequer pelos autores que não a consideram explicação suficiente para a nossa passagem.

Segundo McCarthy (1978, p. 160-161), a seção de Dt 6,4-19 apresenta uma estrutura típica da linguagem diplomática nos tratados: 1) Apresentação de um dever (Dt 6,4-9: amar IHW, lembrar os seus mandamentos e transmiti-los às gerações sucessivas); 2) Exortação à fidelidade (Dt 6,10-13: advertência para não esquecerem de Deus na terra prometida); 3) Ameaça e promessa condicionada à fidelidade (Dt 6,14-19: ameaça da ira do Deus ciumento e promessa de felicidade na terra em caso de fidelidade). Willoughby (1977, p. 75), citando Mendenhall, fala dos elementos dos tratados hititas presentes no Deuteronômio: Preâmbulo; Prólogo Histórico; Estipulações; Provisões para o depósito no Templo e leitura pública; lista dos deuses testemunhas; maldições e bênçãos.

Como acontece normalmente nos tratados de vassalagem, Dt 6,16 proíbe ao vassalo Israel de pôr à prova o soberano IHW, como nos recorda Block (2004, p. 207). Segundo Lohfink (1968, p. 70), a proibição de “seguir” deuses estrangeiros em Dt 6,14 é típica da linguagem político-militar e corresponde à escolha e obediência a um chefe. De acordo com McCarthy (1978, p. 161n), também a ideia de “servir” a Deus em Dt 6,13 é derivada da tradição dos tratados. Para Kalluveetil (1982, p. 180-181), a promessa da terra em Dt 6,3.10.18.23 pertence à categoria das concessões reais, comuns nos decretos orientais antigos que tinham como meta estimular a lealdade dos súditos para com o soberano. A conclusão é que resulta impossível compreender corretamente Dt 6 sem se fazer referência ao contexto das relações internacionais e aos tratados de vassalagem do Antigo Oriente Próximo. A

noção de exclusividade da devoção a IHWY que encontramos no Shemá depende dessa conexão. Mais uma vez, parece improvável que a fórmula do Shemá deva ser compreendida, na sua intenção original, como afirmação do monoteísmo teórico.

#### 4 História da religião de Israel e datação de Dt 6,4-5

Outra objeção à interpretação de Dt 6,4 como confissão monoteísta foi sublinhada pelos historiadores, que consideram improvável uma afirmação monoteísta no período pré-exílico. O primeiro aspecto do problema, portanto, é a datação de Dt 6,4, um problema ao qual acenamos brevemente acima.

Para Barbiero (2002, p. 93-94), o estudo histórico-crítico estabeleceu como certo o fato de que o livro da lei em 2Rs 22-23 fosse uma forma primitiva do Deuteronômio (*Urdeuteronomium*) e que, como sustentaram M. Noth e A. Alt, esse iniciava com Dt 6,4. Assim, o Shemá seria um texto do período monárquico tardio, ainda que, como afirmam Bord e Hamidović (2002, p. 27-28), a fórmula sintética de Dt 6,4 não seria o resultado de uma pura invenção literária, mas teria conhecido uma longa história de oralidade antes de ter sido escrita, opinião apoiada também por McBride (1973, p. 297). O Shemá é ligado ao tema da centralização do culto: culto a um só Deus, em um só santuário, em uma cidade.

Para Bord e Hamidović (2002, p. 21, 27-28), a fórmula de Dt 6,4 pertence ao gênero literário das pregações da Aliança, gênero influenciado por fontes cultuais. A preocupação dos redatores de Dt 6,4 foi a de resumir em poucas palavras toda a teologia de Israel. Nessa linha, Braulik (1987, p. 50) afirma que é provável que Dt 6,4 formasse a proposição inicial de uma edição prévia da lei, aquela usada pelo rei Josias em 621 a.C. na cerimônia de renovação da aliança. O que é solicitado nesse contexto é a prática monolátrica, não a negação da existência de outros deuses (BRAULIK, 1994, p. 100). Ainda segundo von Rad (1956, p. 14-15), o Deuteronômio seria marcado por formas cultuais e seria ligado às celebrações litúrgicas de renovação da aliança. Já a fórmula “escuta, Israel” seria a abertura da assembleia para o culto (RAD, 1966, p. 63). De acordo com Weinfeld (1972, p. 40, 176, 355), Dt

6,4 soa como uma enunciação solene de uma declaração de fé e já a introdução “escuta, Israel” mostraria o caráter retórico-didático e parenético do texto. O vínculo com o contexto litúrgico está presente no capítulo 6 do Deuteronômio, cujo caráter exortativo foi admitido também por Lohfink (1968, p. 58). De fato, von Rad (1956, p. 15 e 22) afirma que no Deuteronômio não encontramos lei divina em forma codificada, mas pregações sobre os mandamentos. É uma característica do livro, as longas passagens homiléticas. Pode-se notar que o consenso tradicional dos estudiosos do livro do Deuteronômio defende tanto uma datação pré-exílica para Dt 6,4-5, quanto a sua conexão com a centralização do culto. Encontramos essa concepção também em autores mais recentes como T. Römer (2005, p. 59-60).

Esse consenso foi desafiado em um artigo recente de MacDonald. Segundo esse autor, Dt 6,4-5 não é a introdução do *Urdeuteronomium* que teria motivado a reforma de Josias, mas um texto acrescentado ao livro posteriormente. Os seus argumentos se baseiam em diferenças lexicais entre esses versículos e os outros textos atribuídos à forma pré-exílica do Deuteronômio e no fato de que o Shemá parece ter um impacto real na literatura bíblica e extra-bíblica apenas em textos tardios (MACDONALD, 2017, p. 774-779). Entretanto, contra a opinião de MacDonald, devemos levar em conta que a maior influência do Shemá sobre textos tardios não indica necessariamente que o próprio Shemá seja tardio. A nosso ver, MacDonald não apresentou argumentos suficientes para modificar o consenso a respeito da datação do Shemá. Veremos nos próximos anos como a pesquisa exegética reagirá à proposta de MacDonald, mas mesmo que a hipótese tradicional apresentada acima possa ser problematizada em vários detalhes – discute-se, por exemplo, quanto do material atribuído tradicionalmente ao *Urdeuteronomium* deva ser considerado, ao contrário, como posterior – continua provável que o texto de Dt 6,4-5 seja pré-exílico. Em todo caso, embora MacDonald (2017, p. 779, 782) defenda uma datação tardia para o Shemá, o mesmo mantém que Dt 6,4-5 constitui um texto de teor monolátrico, não *mono-javista*.

A datação do texto do Shemá antes do exílio é relevante para o confronto com os dados históricos sobre a religião do Antigo Oriente Próximo e de Israel. Smith afirma que é difícil falar de monoteísmo nos textos bíblicos antes do século VII a.C. e que a maioria das referências ao monoteísmo são do período exílico ou posterior ao exílio. O Shemá não é claramente monoteísta porque não exclui a realidade de outros deuses e seria difícil dizer o quanto a interpretação monoteísta do Shemá se deve a releituras posteriores (SMITH, 2001, p. 150, 153). Segundo Merlo, não havia uma verdadeira concepção monoteísta no período monárquico de Israel e Judá, mas um henoteísmo territorial, com uma divindade patrona do rei e do povo que não excluía a existência das outras divindades, como ocorria entre os povos vizinhos de Amon, Moab e Edom. Além disso, há documentos que falam de Asherah, Baal e outras divindades além de IHWH em Israel durante o período pré-exílico. Esse autor afirma a ausência do monoteísmo em todo o período monárquico e que esse se desenvolveu muito mais tarde, apenas no período persa (MERLO, 2009, p. 43, 46, 177). Para Albertz (1994, p. 206, 216), Dt 6,4 era como um *slogan* da reforma de Josias e queria significar seja a monolatria, seja o *monojavismo*, no contexto da centralização do culto. Apenas no período pós-exílico, quando a batalha pelo culto exclusivo de IHWH já tinha sido decidida, os outros deuses passaram de potências efetivas a ídolos impotentes. A mesma opinião exprime Lemaire (2003, p. 63-66), o qual define a religião da época monárquica como monolátrica, não monoteísta, característica partilhada pelos povos vizinhos.

A conclusão é que a história da religião de Israel não avaliza a noção de uma fé monoteísta no período no qual o texto do Shemá provavelmente foi escrito. A consequência é que resulta muito improvável que essa fórmula fosse inicialmente uma proclamação de fé monoteísta.

## Conclusão

À luz do que foi discutido neste artigo, concluímos que a fórmula de Dt 6,4 não é uma afirmação do monoteísmo. Mesmo se uma leitura monoteísta do versículo não pode ser completamente excluída através da análise linguística, é pouco provável já nesse nível da investigação. Ademais, a leitura do conjunto do capítulo 6 do Deuteronômio indica o contexto politeísta da fórmula, enquanto a leitura de paralelos na literatura do Antigo Oriente Próximo demonstra que a linguagem da exclusividade é compatível com concepções religiosas politeístas e que essa exclusividade se encontra na relação com o Deus de Israel, não na negação da existência de outros deuses e soberanos. Enfim, se a datação pré-exílica do Shemá for admitida, deve-se considerar que os historiadores apontam como improvável uma defesa do monoteísmo teórico no período pré-exílico. O Shemá é, na realidade, um chamado à devoção exclusiva, monolátrica a IHWI. Assim, como afirma Janzen (1998, p. 248), muito antes que Israel se tornasse monoteísta no sentido ontológico, o convite a amar IHWI com todo o coração foi um passo naquela direção.

A investigação apresentada neste artigo não tem a pretensão de ser exaustiva. Por causa dos limites estabelecidos para este trabalho, a história da recepção do Shemá, sua *Wirkungsgeschichte*, não foi discutida. A história da sua releitura como proclamação de fé no Deus único, o seu uso na liturgia e na oração privada e toda a literatura que o comenta por tantos séculos constituem uma riqueza não redutível aos pontos discutidos neste artigo. Em todo caso, a nosso ver, recordar o significado original do Shemá pode iluminar também a nossa espiritualidade contemporânea: não pode haver fé autêntica no Deus único se não há primeiramente uma escolha de servir a Ele apenas; não há verdadeiro monoteísmo onde falta a devoção exclusiva ao Senhor.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTZ, Rainer. **A history of Israelite religion in the Old Testament period. I.** From the beginnings to the end of the monarchy. Louisville: SCM, 1994. (OTL).
- BARBIERO, Gianni. Höre Israel (Dtn 6,4-25). In: BARBIERO, Gianni. **Studien zur alttestamentlichen texten.** Stuttgart: Verlag katholisches Bibelwerk, 2002. p. 93-167. (SBABAT 34).
- BLOCK, Daniel I. How many is God? An investigation into the meaning of Deuteronomy 6:4-5. **Journal of the Evangelical Theological Society**, Chicago, v. 47, n. 2, p. 193-212, 2004.
- BORD, Lucien-Jean; HAMIDOVIĆ, David. Écoute Israel (Deut. VI 4). **Vetus Testamentum**, Leiden, v. 52, n.1, p. 13-29, 2002.
- BOVATI, Pietro. **Il libro del Deuteronomio (1-11).** Roma: Città Nuova, 1994. (Guide Spirituali all'Antico Testamento).
- BRAULIK, Georg. **Deuteronomio.** Il. Testamento di Mosè. Assisi: Cittadella, 1987. (Bibbia per tutti).
- BRAULIK, Georg. **Deuteronomium.** I. Würzburg: Echter, 1986.
- BRAULIK, Georg. Deuteronomy and the birth of monotheism. In: BRAULIK, Georg. **The theology of Deuteronomy: collected essays of Georg Braulik.** Richland Hills: Bibal Press, 1994. p. 99-130.
- BRUEGGEMANN, Walter. **Old Testament theology.** An introduction. Nashville: Abingdon Press, 2008. (Library of Biblical Theology).
- BRUNO, Christopher R. A note pertaining to the translation of Deut 6:4. **Vetus Testamentum**, Leiden, v. 59, n. 2, p. 320-322, 2009.
- CARASIK, Michael. **Theologies of the mind in biblical Israel.** New York: Lang, 2006. (Studies in Biblical Literature 85).
- CHRISTENSEN, Duane L. **Deuteronomy 1:1-21:9.** Dallas: Word Books, 1991. (WBC 6A).
- DRIVER, Samuel Rolles. **A critical and exegetical commentary on Deuteronomy.** Edinburgh: T & T Clark, 1902. (ICC).

GARCÍA LÓPEZ, Félix. **El Deuteronomio**. Una ley predicada. Estella: Verbo Divino, 1992. (Cuadernos Bíblicos).

GERSTENBERGER, Erhard S. **Teologie dell'Antico Testamento**. Pluralità e sincretismo della fede Veterotestamentaria. Brescia: Paideia, 2005. (Introduzione allo Studio della Bibbia Supplementi 25).

HALLO, William W.; YOUNGER JR., K. Lawson. **The context of scripture**. II. Monumental inscriptions from the biblical world. Leiden: Brill, 2003.

HEISER, Michael S. Monotheism, polytheism, monolatry, or henotheism? Toward an assessment of divine plurality in the Hebrew Bible. **Bulletin for Biblical Research**, Winona Lake, v. 18, n. 1, p. 1-30, 2008.

HERRMANN, Wolfram. Jahwe und des menschen liebe zu ihm. Zu Dtn. VI 4. **Vetus Testamentum**, Leiden, v. 50, n. 1, p. 47-54, 2000.

JANZEN, J. Gerald. On the most important word in the Shema (Deuteronomy 6:4-5). **Vetus Testamentum**, Leiden, v. 37, p. 280-300, 1987a.

JANZEN, J. Gerald. The claim of the Shema. **Encounter**, London, v. 59, p. 243-257, 1998.

JANZEN, J. Gerald. Yahweh our God, Yahweh is one. **Encounter**, London, v. 48, p. 53-60, 1987b.

KALLUVEETTIL, Paul. **Declaration and covenant**. A comprehensive review of covenant formulae from the Old Testament and the ancient near east. Rome: Biblical Institute Press, 1982. (AnBib 88).

LAPSLEY, Jacqueline E. Feeling our way: love for God in Deuteronomy. **Catholic Biblical Quarterly**, Washington, v. 65, p. 350-369, 2003.

LEMAIRE, André. **Naissance du monothéisme**. Point de vue d'un historien. Paris: Bayard, 2003.

LOHFINK, Norbert. Gott im buch Deuteronomium. **Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium**, Leuven, v. XLI, p. 101-126, 1976.

LOHFINK, Norbert. Unione di tradizioni (Deut. 6,4-25). In: LOHFINK, Norbert. **Ascolta Israele**. Esegese di testi del Deuteronomio. Brescia: Paideia, 1968. p. 57-76. (Studi Biblici).

MACDONALD, Nathan. The date of the Shema (Deuteronomy 6:4-5). **Journal of Biblical Literature**, London, v. 136, n. 4, p. 765-782, 2017.

MCBRIDE, S. Dean. The yoke of the kingdom: an exposition of Deuteronomy 6:4-5. **Interpretation**, Richmond, v. 27, n. 3, p. 273-306, 1973.

MCCARTHY, Dennis J. Notes on the love of God in Deuteronomy and the father-son relationship between Yahweh and Israel. **Catholic Biblical Quarterly**, Washington, v. 27, p. 144-147, 1965.

MCCARTHY, Dennis J. **Treaty and covenant**. A study in form in the ancient oriental documents and in the Old Testament (new edition completely rewritten). Rome: Biblical Institute Press, 1978. (AnBib 24A).

MCKAY, John W. Man's love for God in Deuteronomy and the father/teacher – son/pupil relationship. **Vetus Testamentum**, Leiden, v. 22, n. 4, p. 426-435, 1972.

MERLO, Paolo. **La religione dell'antico Israele**. Roma: Carocci, 2009. (Quality Paperbacks).

MILLER, Patrick D. **Deuteronomio**. Torino: Claudiana, 2008.

MILLER, Patrick D. God and the gods: history of religion as an approach and context for Bible and theology. In: MILLER, Patrick D. **Israelite religion and biblical theology**. Collected essays. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000a. p. 365-396. (JSOT supplement series).

MILLER, Patrick D. **The religion of ancient Israel**. London: SPCK, 2000b. (Library of Ancient Israel).

MORAN, William L. The ancient near eastern background of the love of God in Deuteronomy. **Catholic Biblical Quarterly**, Washington, v. 25, p. 77-87, 1963.

RAD, Gerhard von. **Deuteronomy**. JA commentary. London: SCM, 1966. (OTL).

RAD, Gerhard von. The character of Deuteronomy and its sacral tradition from the point of view of form-criticism. In: RAD, Gerhard von. **Studies in Deuteronomy**. London: SCM, 1956. p. 11-24. (Studies in Biblical Theology).

RÖMER, Thomas C. **The so-called Deuteronomistic history**. A sociological, historical and literary introduction. London: T & Clark, 2005.

SKA, Jean-Louis. Amore e istituzione: L'amore di Dio, il primo comandamento nella Bibbia Cristiana. In: SKA, Jean-Louis. **Una goccia d'inchiostro**. Finestre sul panorama Biblico. Bologna: EDB, 2008. p. 127-143. (Collana Biblica).

SMITH, Mark S. **The origins of the biblical monotheism.** Israel's polytheistic background and the Ugaritic texts. New York: Oxford University Press, 2001.

TIGAY, Jeffrey H. **Deuteronomy [devarim].** The traditional Hebrew text with the new JPS translation. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1996. (The JPS Torah commentary).

VEIJOLA, Timo. Höre Israel! Der sinn und hintergrund von Deuteronomium VI 4-9. **Vetus Testamentum**, Leiden, v. 42, n. 4, p. 528-541, 1992.

WALTKE, Bruce K.; O'CONNOR, M. **An introduction to biblical Hebrew syntax.** Winona Lake: Eisenbrauns, 1990.

WEINFELD, Moshe. **Deuteronomy and the Deuteronomic school.** Oxford: Clarendon, 1972.

WEINFELD, Moshe. **Deuteronomy.** A new translation and commentary. New York: Doubleday, 1991. (AB 5).

WILLOUGHBY, Bruce E. A heartfelt love: an exegesis of Deuteronomy 6:4-19. **Restoration Quarterly**, Abilene, v. 20, n. 2, p. 73-87, 1977.